



Meio Ambiente e Ecologia no Telejornalismo: Estudo de Caso da Série Mata Atlântica¹

Ailton Santos SILVA²
Crislayne Marinho da SILVA³
Gustavo Martins BLOHEM⁴

Faculdade do Sul, Itabuna, BA

RESUMO

A série televisiva *Mata Atlântica* vem reforçar e informar mais a população para os problemas corriqueiros existentes nas matas brasileiras, especificamente, no Sul do Estado da Bahia. A crise do desmatamento e a extinção de animais silvestres é crescente nos dias atuais, mas com todas as informações passadas pelos meios de comunicação de massa, apenas uma parte da sociedade se preocupa com a recuperação das matas e com a preservação do meio ambiente e dos animais silvestres. Entretanto, um estudo de caso foi feito para analisar a forma com é abordado o assunto pelo profissional do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Meio Ambiente; Sociedade.

INTRODUÇÃO

A sociedade sempre conviveu com um grave problema, a destruição do meio ambiente, que deve ser estudado, devido a agravante crise que vem se expandindo no decorrer dos anos com o desmatamento, o tráfico ilegal de madeira nativa da Mata Atlântica, a venda de animais silvestres, a falta de desenvolvimento sustentável, a diminuição da fauna e da flora, fatores estes que influenciam no desenvolvimento natural do meio ambiente. Mesmo assim, é possível encontrar pessoas dispostas a preservar a riqueza natural da mata, para tentar conservar e recuperar as partes que hoje se encontram destruídas pelas pessoas.

Diante destes aspectos a respeito do meio ambiente, será feita uma análise sobre a série televisiva “Mata Atlântica” que foi produzida pelo repórter José Raimundo e exibida no BATV (telejornal local/estadual), da emissora TV Bahia, em Salvador, afiliada da Rede Globo de Televisão. A série foi dividida em três partes: na primeira, informa e denuncia

¹ Trabalho apresentado no IJ-JE IV Intercom Júnior – Jornalismo e Editoração, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da FACSUL, email: ailtonregiao@yahoo.com.br.

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da FACSUL, email: crislaynetititi@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da FACSUL, email: tadomartins@yahoo.com.br.



o desmatamento com o corte de madeiras nativas, que tem como consequência à extinção de animais silvestres; a segunda trata da recuperação da mata com a ajuda do homem; e na terceira, a preocupação de pesquisadores para a reconstrução das áreas afetadas pelo ser humano, que ao mesmo tempo que evolui em estudos e descobertas científicas para estimular o manejo sustentável, regride quando obtém certas atitudes destruindo o bem mais precioso

que é a natureza, onde encontramos uma diversidade imensa da fauna e da flora.

A partir das idéias dos autores da área de comunicação, este trabalho tem por objetivo analisar e identificar no telejornalismo os valores-notícia e as teorias do jornalismo, para comprovar na prática como são utilizadas as teorias da profissão na série “Mata Atlântica”. Além da pesquisa se basear na coleta e análise destes dados, o trabalho terá como referencial teórico os autores como: Nelson Traquina (2005), Nilson Lage (2006) e Felipe Pena (2007), estudiosos da área da comunicação e meio ambiente e o Decreto da Profissão de Jornalista (1979).

As notícias referentes à Mata Atlântica são relatos em série de fatos com o foco principal no Recôncavo Baiano e no Sul do Estado, sobre a devastação do meio ambiente. A partir dos fatores mais relevantes, pois não é apenas narrar os acontecimentos, mas expô-los com ética e qualidade. A análise da série será um estudo qualitativo para que alunos e profissionais da área possam identificar a existência da teoria científica com a prática no dia-a-dia do profissional.

1. COMUNICAÇÃO DE MASSA E A ABORDAGEM DO MEIO AMBIENTE

Com as novas tecnologias disponíveis no mundo moderno, a sociedade utiliza para se informar meios tradicionais além da *Internet*, do *Ipod* e das mensagens de *SMS* que transmitem em celulares alertas informativos. Em meados do século XX, começou a difusão dos meios de comunicação de massa, os principais ícones para este processo foram o rádio e a televisão que se alimentam, principalmente da publicidade e trouxeram novo impulso à cultura popular massiva.

A mídia deixou de ser individual e passou a ser coletiva, quando os meios de comunicação de massa passaram a assumir, uma posição de destaque na sociedade contemporânea, necessariamente por serem instrumentos formadores de opinião, além de transmitirem informações. “Na comunicação, intenção é a tentativa consciente do emissor de influenciar o receptor através de uma mensagem, sendo que o receptor



reagiria baseado na hipótese das intenções da parte do emissor” (SANTAELLA, 2001, p. 20). É desta forma que os meios de comunicação manipulam a sociedade, sem que ela perceba sua intenção sobre determinado assunto.

Os *media* fazem um papel de mediação entre a realidade e as pessoas. O que eles nos entregam não é realidade, mas sua construção da realidade. Isto é, da enorme quantidade de fatos e situações que a realidade contém, os meios selecionam só alguns, os decodificam a sua maneira, os combinam entre si, os estruturam e recodificam formando mensagens e programas e os difundem, carregados, agora da ideologia, dos estilos e das intenções que os meios lhes atribuem (BORDENAVE, 2001, p. 80).

A construção dos sentidos midiáticos se dá tanto a partir de referências permeadas através das intenções que podem acrescentar algo a mais ao conhecimento do receptor, quanto pela perpetuação de imagens simbólicas a sua realidade, codificando-as em cenários imaginários em seus pensamentos sobre determinado assunto que no momento está sendo tratado pela mídia.

Na Era da Informação, na Idade Mídia, onde os profissionais da comunicação pertencem ao que se convencionou chamar de Quarto Poder, meio ambiente ainda é uma questão periférica, porque não alcançou esse sentido mais amplo está na origem da expressão “meio ambiente”, que reúne dois substantivos redundantes: meio (do latim *mediu*) significa tudo aquilo que nos cerca, um espaço onde nós também estamos inseridos; e ambiente palavra composta de dois vocábulos latinos: a preposição *amb* (*o*) (ao redor, à volta) e o verbo *ire* (ir). Ambiente, portanto, seria tudo o que vai à volta. Mas dizer que meio ambiente é tudo seria simplificar demais a questão. Uma das boas definições é aquela que lembra que meio ambiente “é um conjunto de fatores naturais, sociais e culturais que envolvem um indivíduo e com os quais ele interage, influenciando e sendo influenciado por eles” (LIMA; SILVA apud TRIGUEIRO, 2003, p. 77).

Entretanto, a população ao ser informada pelos meios de comunicação de massa, sobre a problemática do meio ambiente, tem um certo impacto sobre o assunto e se sentem indiretamente influenciados com a mensagem transmitida, mensagens essas que devem ser elaboradas pelos repórteres com cautela e precisão, para que os receptores possam absorver o conteúdo com ética e profissionalismo.

Ramos (apud Barreto, 2004, p. 41) demonstra que as modificações tecnológicas dos meios de comunicação foram “um dos fatores responsáveis por uma nova etapa no relacionamento do homem com o meio ambiente”. Isto devido à ampla penetração



destes veículos massivos na vida dos indivíduos e por estes passarem a ser, em grande medida, os intermediadores dos acontecimentos do cotidiano dos indivíduos.

Com a sociabilidade dos assuntos relacionados à ecologia e ao meio ambiente em pauta, os emissores acreditam que de certa forma vão, sensibilizar a população para o perigo que a Mata Atlântica e o ecossistema brasileiro corre com a degradação ambiental. Segundo Baccega (1998, p. 20) “o processo de construção de significados aponta que o discurso é sempre ideológico, em qualquer língua que se manifeste”. Isso vai variar de pessoa para pessoa, contando também com a cultura e a ideologia individual de cada um.

Nesta perspectiva pode-se dizer que o domínio da informação está diretamente ligado ao poder de interferir e reorientar as relações humanas e da sociedade com a natureza. Portanto, é com grande influência dos meios de comunicação que a humanidade, hoje, toma contato com os problemas ambientais e procura rediscutir os seus modelos de desenvolvimento e sua atuação no meio ambiente (RAMOS apud BARRETO, 2004, p. 42).

Quando se fala na ideologia da empresa midiática, teremos três perfis diferentes para serem pautados nas matérias produzidas, o do repórter, o do *gatekeeper* (quem define o que será notícia ou não, geralmente o chefe da redação) e a própria empresa que acarreta a seus funcionários sua ideologia, seja ela comercial ou pessoal, o que importa é que as notícias sempre terão o engajamento de culturas ideológicas diferentes em uma mesma matéria.

Para Wolf (apud Barreto, 2004, p. 16), “uma das formas utilizadas pela mídia para influenciar o público é através do que ela veicula. É a determinação dos assuntos de acordo com suas prioridades, hierarquizando acontecimentos, legitimando e ordenando os temas em discussão”. Estas características ajudam a ilustrar a função do *gatekeeper* em uma redação seja ela na mídia impressa, radiofônica ou televisiva.

O *gatekeeper* é um clássico exemplo de teoria que privilegia a ação pessoal. A metáfora é clara e direta. O conceito refere-se a pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou a bloqueia. Ou seja, diante de um grande número de acontecimentos, só viram notícias aqueles que passam por uma cancela ou portão (*gate* em inglês). E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o *gatekeeper*), que é o próprio jornalista. Ele é o responsável pela progressão da notícia por sua “morte”, caso opte por não deixá-la prosseguir o que significa evitar a publicação (PENA, 2007, p. 133).



Contudo, o profissional jornalista tem como suporte para desenvolver suas matérias, com um melhor entendimento sobre os problemas ecológicos e ambientais, para isso, existe a Agenda 21.

“É um processo de participação em que a sociedade, os governos, os setores econômicos e sociais sentam-se à mesa para diagnosticar os problemas, entender os conflitos envolvidos e pactuar formas de resolvê-los, de modo a construir o que tem sido chamado de sustentabilidade ampliada e progressiva” (AGENDA 21).

Foi a partir da Agenda 21 que a população pode tomar conhecimento sobre temas ambientais como: poluição global, efeito estufa e ameaça aos ecossistemas. Foi por intermédio de esclarecimento sobre estes assuntos que o meio ambiente ganhou veiculação na comunicação de massa. Desde a difusão destas informações nos telejornais em nível nacional e, até mesmo, regionais, os problemas ambientais começaram a ganhar um rumo, através de reportagens investigativas e pelo jornalismo ambiental.

2. A SÉRIE MATA ATLÂNTICA

Com a crise nas madeireiras, por causa dos preços altos começou a clandestinidade de madeiras nativas. Já era comum essa ilegalidade, mas se tornou maior hoje. Com isso cresce o desmatamento em boa parte do Brasil, especificamente, no Sul da Bahia local onde foi feita a primeira parte da série.

A série Mata Atlântica foi produzida pelo repórter José Raimundo e o cinegrafista Carlos Ruvenal, com a transmissão do material pela Rede Bahia de Televisão, no jornal BATV do estado, esta rede de comunicação é afiliada da Rede Globo.

A série foi dividida em três partes. A primeira com o VT de 02'38'', onde mostra o desmatamento que, em consequência, vem a ameaça de desaparecimento da reserva estadual Serra do Conduro, em Ilhéus. A segunda parte com 03'09'' retrata a reserva Jequitibá Serra da Jibóia, em Elízio Medrado com o trabalho do Instituto Gambá e o seu centro de triagem. A última parte da série foi feita com 02'15'', que traz a preocupação na questão ambiental feita por biólogos para recuperação dos corredores florestais.



O repórter José Raimundo utiliza em todas as partes da série uma teoria do jornalismo muito comum na maioria das matérias veiculadas em telejornais, a teoria do espelho que reflete a realidade, ou seja, a imprensa é um espelho do real. Mas segundo Felipe Pena (2007, p. 125) nessa teoria, “o jornalista é um mediador desinteressado, cuja missão é observar a realidade e emitir um relato equilibrado e honesto sobre suas observações, com o cuidado de não apresentar opiniões pessoais”. A presença desta teoria na série é bem representada, pois o repórter utiliza todos os mecanismos necessários para mostrar a realidade que o meio ambiente vem sofrendo, ele busca a verdade acima de tudo, utiliza a objetividade separando os fatos de opiniões de especialistas da área representada por um dos artifícios da comunicação de massa, o telejornal local do estado da Bahia.

O jornalista pode utilizar a fonte mais pelo que é do que pelo que sabe. A maioria das pessoas acredita na autoridade da posição. Quanto mais prestigioso for o título ou a posição do indivíduo, maior será a confiança das pessoas na sua autoridade. Chama-se a isso a hierarquia da credibilidade (TRAQUINA, 2005, p. 191).

O programa especial da Mata Atlântica tem uma certa credibilidade, porque o jornalista buscou informações e dados com órgãos especialistas da área (fontes seguras sobre a fauna e a flora, como biólogos, instituições preocupadas com a recuperação de animais, como o Instituto Gambá e pesquisadores ambientais que estudam a recuperação da cobertura florestal, devastada com a derrubada de árvores), essas características fazem parte da teoria dos definidores primários e a espiral do silêncio, que explica a importância do profissional em buscar sempre alguma pessoa com poder sobre o assunto para confirmar o assunto que sua matéria aborda. Ao narrar os textos nas matérias ele insere todos os dados ilustrativos necessários para que a população fique informada das condições que a mata se encontra, ele ressalta várias vezes a importância de se preservar a natureza, sempre mostrando o que pode acontecer com o meio se não for preservado. Ainda, nesta reportagem investigativa o cinegrafista faz um flagrante de madeireiros carregando as madeiras nativas da Mata Atlântica, a série é bem estruturada e organizada com começo, meio e fim bem definidos.

A herança cinematográfica determina que essas seqüências sejam dispostas de modo a contar a história do *começo para o fim*. A narração em off (sem que o narrador apareça) tem a única função de identificar e caracterizar ambientes ou personagens. Pode nem existir, substituída por som local e por breves legendas sobrepostas (LAGE, 2006, p. 48).

Já na Teoria do *Newsmaking*, observamos que os autores como Nelson Traquina (2005) e Felipe Pena (2007) apontam que as notícias informam, mas também ajudam a construir a realidade. Muitas pessoas não sabem responder sobre como está a realidade hoje, porque o jornalismo dispõe de outras teorias que ajudam na sua construção imaginária.

Com a teoria do agendamento os receptores irão definir assuntos para debaterem em conversas, a respeito do que a mídia aborda e se ela não estiver tratando do meio ambiente e de seu grave problema, a sociedade não estará atenta para a crise que está passando a Mata Atlântica, porque a mídia no momento não está abordando, se não estiver nos telejornais os assuntos ligados ao meio ambiente a população vai esquecer, que a cada dia estamos perdendo parte da mata por causa do desmatamento, que aqui está sendo representado na parte do Recôncavo e no Sul da Bahia.

A teoria do agendamento defende a idéia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas. Ou seja, a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos. O *agenda setting*, como é chamado nos Estados Unidos, surgiu no começo da década de 1970 como uma reação a uma outra teoria: a dos efeitos limitados, que teve seu auge entre os anos 40 e 60. O agendamento representa a insatisfação da nova geração de pesquisadores em comunicação, que tinha experiência prática em redações, com o paradigma da limitação dos efeitos midiáticos na vida social (PENA, 2007, p. 142).

Exemplos claros para a Teoria do Agendamento no jornalismo, foi o caso Isabela Nardoni uma menina de cinco anos, que foi jogada do sexto andar de um prédio na Zona Norte de São Paulo. No mesmo período deste acidente, o Rio de Janeiro estava com uma epidemia de dengue, com mortes constantes, tudo estava sendo passado pelos telejornais, mas a partir do momento que ocorreu o crime de Isabela a mídia começou a veicular e dar mais importância ao caso e, de certa forma, fez com que as pessoas “esquecessem” que o Brasil estava vivendo crises com a dengue e que em todas as partes do Brasil outros crimes com outras “Isabelas” estavam ocorrendo.

Um dos valores-notícia que a comunidade jornalística, se preocupa ao passar a informação aos seus receptores é a relevância, que informa ao público os acontecimentos que têm impacto sobre a vida das pessoas. O assunto abordado sobre o caso Isabela é o mesmo que acontece com o desmatamento, os dois têm uma



importância relevante na vida da população, pois abordam uma série de fatos ocorridos que a sociedade precisa estar alerta, para se prevenir e até se informar com o que anda acontecendo no Brasil e no mundo. O desmatamento foi muito bem abordado no especial do telejornal bahiano, para mostrar a sua população o impacto que ocorre nas matas regionais, que podem no futuro influenciar no cotidiano das pessoas. Mas para que esse material fosse veiculado na mídia foi preciso ele passar pelo Chefe do Jornalismo da emissora conhecido como *gatekeeper*.

Para os *gatekeepers*, aqueles que decidem o que vai ou não ser publicado. Quem escreve a notícia tem postura ética distinta: sua preocupação é saber se a informação tem importância ou desperta interesse bastante para ser publicada e como ressaltar essa importância ou interesse mantendo a conformidade com os fatos. Como construção retórica referencial, a notícia trata das aparências do mundo. Conceitos que expressam subjetividade estão excluídos: não é notícia o que alguém pensou, imaginou, concebeu, sonhou, mas o que alguém disse, propôs, relatou ou confessou. É também axiomática, isto é, afirma-se como verdadeira: não argumenta, não conclui nem sustenta hipóteses. O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro (LAGE, 2006, p. 26).

Para situar geograficamente o telespectador um outro valor-notícia ajudou a ilustrar a série, foi a proximidade, mostrando a distância geográfica em uma ilustração feita em computação gráfica, para avaliar a sua noticiabilidade, desta forma o telespectador obtém uma localização e uma dimensão correta sobre a situação da Mata Atlântica no Sul e Recôncavo da Bahia.

O jornalista José Raimundo conseguiu passar nas notícias com clareza e com uma fácil compreensão e objetividade em relação aos assuntos ligados à ecologia. Com influência na vida de uma sociedade, os assuntos propostos na série retratou o desmatamento com flagrantes de madeireiros, a responsabilidade de pessoas dispostas a recuperar e salvar vidas de animais silvestres e estudos de pesquisadores para recuperar a mata “perdida” destruída pelo homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o conhecimento na área do jornalismo, dar para aprender a lidar com os pontos positivos na construção da notícia, pois eles estão dispostos em todos os livros representados aqui, abordando a teoria do jornalismo e os valores-notícia. Entretanto, as



construções do sentido expostas por meio de autores, ficaram claras o entendimento para estruturar uma matéria televisiva.

Para os profissionais da área de comunicação e estudantes, analisar uma série demonstrando em partes como foram produzidas as notícias, parece que não tem sentido, mas é ao contrário nas empresas midiáticas, tudo tem uma lógica a ser seguida, antes de se transmitir as mensagens aos receptores, nada é por acaso.

Diante da série Mata Atlântica, percebe-se o cuidado que o repórter José Raimundo e o cinegrafista Carlos Ruvenal, obtiveram para investigar no meio da construção da matéria, uma denúncia de exploração de madeiras nativas e até os abandonos delas devido à chegada da equipe.

A alerta a sociedade baiana, foi passada por intermédio de emissores televisivos, afim de atingir as pessoas mais próximas da realidade até as mais distantes, que podem conseguir cada um fazendo sua parte, preservando o ecossistema e tudo o que está ao seu redor, para que num futuro próximo ainda exista a Mata Atlântica, os animais silvestres e pessoas mais conscientes.

REFERÊNCIAS

- AGENDA 21.** Disponível em: <<http://www.mma.gov.br>>. Acesso em 25 de maio de 2008.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem: discursos e ciência.** São Paulo: ed. Moderna, 1998, 127p.
- BARRETO, Betânia Maria Vilas Boas. **Telejornalismo e meio ambiente: carências e possibilidades em Itabuna – BA.** Ilhéus, BA: UESC/PRODEMA, 2004.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **Além do Meios e Mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência.** Petrópolis: Vozes, 2001.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são.** 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- TRIGUEIRO, André; NOVAES, Washington. Meio Ambiente na Idade Mídia Agenda 21: Um novo modelo de civilização In: Trigueiro, André. (org). **Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.